



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 19 DE NOVENBRO DE 1957

NA POSSE DA DIRETORIA DA SOCIEDADE
DOS AMIGOS DE AFONSO CELSO.

947 Antes de receber o amável convite para prestigiar publicamente o programa cívico da Sociedade dos Amigos de Afonso Celso, já me considerava um dêstes, pela convicção de que o pensamento e a vida do insigne brasileiro não podiam esconder-se num esquecimento ingrato.

Leitura da mocidade, a do seu livro memorável me deixara a impressão, que o tempo afirma e confirma, de que o patriotismo é diferente das interpretações vulgares que lhe dão. Reclama três espécies de conduta positiva: a cooperação animosa, o culto cordial e o entusiasmo expansivo. Só superficialmente se dirá que a exaltação da nacionalidade não lhe acrescenta os valores práticos, que sem isto existem e continuam. O problema torna-se profundamente atual, verificando-se que o contrário dessa atitude de amor é o pessimismo, ou, pior do que êle, na sua forma nefasta de segregação e apatia, a indiferença. “Porque me ufano do meu país”, bradava em 1900 Afonso Celso — reagindo, ensinando, protestando, sobretudo advertindo, em face da decomposição universal dos ideais, numa época de renovação brusca dos conceitos da existência coletiva.

948

Como há uma analogia permanente entre êsses tempos difíceis, e as perplexidades se repetem com os conflitos das culturas e das gerações, convém acen-tuar que então, como agora, se chocavam no campo moral o otimismo e a descrença, não faltando quem considerasse em crise, irremediável, a nossa civilização e perdido o destino de nossa pátria. Conhecedor das tradições, político licenciado das lides partidárias, mas integrante na dinâmica do país, pertencente a uma valorosa linhagem liberal, cujas raízes se prendem ao berço de Tiradentes, em Ouro Preto, cidade do estadista, que a elevou ao seu título de nobreza, Afonso Celso saiu em defesa dos créditos do Brasil com a mensagem peculiar a estas origens e princípios. Respondeu à negação com o testemunho dos séculos. Onde havia desânimo, infundiu esperança, transmitindo aos brasileiros a sábia lição das Escrituras, de que o pior dos pecados é desesperar. Contestou o derrotismo com os números

949

estatísticos, o balanço das conquistas materiais, o quadro físico do país e as suas possibilidades. Argumentou com a verdade histórica contra a deturpação e o desengano. Estudou, nas suas alegorias, o crescimento nacional fruto do trabalho e do heroísmo dos brasileiros, autores obscuros ou admiráveis dessa obra gigantesca que é a Pátria. E *ufanando-se* de tudo isso — quando tantos fingiam não ver, ou vendo, denegriam e ocultavam — vaticinou o futuro de emancipação econômica e do esplendor nacional.

950 É claro que nessa confiança enfática se projetava, não o compromisso das elites, mas o espírito de um de seus líderes, e a sua voz, sem ser ainda a dos grupos dirigentes, era, como a do profeta, o *clamor no deserto*.

951 Mas ressoou como uma lição; e teve o sentido oportuno de um despertar de consciência

952 Sabemos o que vale o gesto de comando na retomada dos destinos sociais. Esses gestos às vezes importam mais do que as laboriosas cristalizações da história. Iluminam súbitamente os horizontes; traçam nas trevas noturnas as parábolas luminosas, que podem, como no Êxodo do povo sagrado, indicar o caminho da salvação; orientam e governam. Daí o destaque dos apóstolos de civismo nas crises por que tem passado o mundo; e o seu papel providencial.

953 Aquêlê professor poeta foi, no quarto centenário do descobrimento do Brasil, êsse guia, êsse visionário, êsse oráculo. Transcorrido tanto tempo, a sua palavra nos chega com a pureza das virtudes que a inspiraram; e a sua crença na pátria se clarifica e se atualiza, como o ensinamento da hora presente.

Gostaria de anotar, página por página, as previsões de Afonso Celso, para conferir com os brasileiros o acêrto delas. O seu livro não envelheceu; exatamente porque o completou a nação com o capítulo substancial dêsses cinquenta e sete anos de desenvolvimento, ora tranqüilo e moroso, ora desenvolvido, impulsivo, seguro. Se fôsse cabível tal abstração, proporia que imaginássemos tudo o que representa a verdade nacional como se fôsem as fôlhas concretas ou os índices demonstrativos do livro de Afonso Celso. Veríamos, assim, que os vastos rios deixaram de ser paisagem, para serem fôrça e indústria. Que as pequenas cidades se agigantaram. Que a rotina agrícola e o pastoreio antigo se transfiguraram na lavoura e na pecuária modernas. Que através das imensidades vazias, ligadas pelos caminhos coloniais, se desenrolam as pistas rodoviárias. Que êsses céus decantados pelo lirismo dos vates se enchem de vertiginosos transportes, e as áreas abandonadas da terra brasileira se vão reduzindo, com a penetração impetuosa do trabalho. Que substituímos as fórmulas melancólicas da velha economia, importação de artefatos contra exportação de matéria-prima, capitais emprestados e melhoramentos modestos, pelo sentimento invencível da suficiência na produção, da industrialização como base de elevação dos níveis sociais, da interiorização do progresso como planejamento de soberania, do aproveitamento racional, e já ilimitável, dos recursos nacionais como imperativo dessa política.

Aí está, na tangível verdade das coisas, o comentário e a aprovação das idéias do homem de fé, que teve a inestimável qualidade de ser, entre os céticos, quem acreditou, e, entre os crentes, quem repudiou a comodidade da crença inativa e silenciosa, para dela fazer um hino de educação e patriotismo criador.

Foi semelhante à memorável proeza de Bilac, pregando de tôdas as tribunas, em 1915, a defesa nacional. Foi a de Rui, missionário da democracia, nas suas fulgurantes conversas com o povo brasileiro. É o poder mágico do verbo em comunhão mística com as fontes incorruptíveis da pátria, nas transfigurações da luta sagrada. Tem a grandeza dêsse bom combate o entusiasmo dos que amam o seu país, contra os que o detraem, o desservem, o deprimem ou o atraçoam — segundo as modalidades lastimáveis do perjúrio, que vão do egoísmo dissolvente à frontal oposição aos interesses do Brasil.

Permita-se-me a opinião franca sôbre êste Brasil de que se ufanou Afonso Celso. Palmilhei-o, de um a outro extremo, antes de o governar pelo voto livre dos cidadãos com o equilíbrio e a tolerância que, Deus louvado, são as componentes do sistema em que vivemos. Conheço a minha terra no que tem de esplêndido e humilde em todos os seus climas, constituindo, afinal, a consolação diuturna da minha atividade, às censuras que me fazem, êsse desejo de a conhecer mais e melhor, atendendo ao apêlo das populações e à dramaticidade dos seus problemas. Não há recanto, neste país, onde não tenha chegado o presidente da República, para ver, ouvir, remediar, na medida das possibilidades que o limitam, mas na sinceridade dos esforços que o empolgam. A minha visão do Brasil é, portanto, exata, minuciosa e global. Posso, assim, proclamar, e com *ufania* o faço, que somos uma Nação em pleno desenvolvimento, com as condições essenciais para triunfar sôbre tôdas as adversidades, graças, antes de tudo, ao vigor e ao caráter dêste povo, digno do incalculável potencial do futuro — que é a nossa pátria.